

NARRATIVAS DE SI NA PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA COM AS JUVENTUDES

■ ROSEMEIRE REIS

 <https://orcid.org/0000-0003-1525-3564>

Universidade Federal de Alagoas

RESUMO

O objetivo é apresentar as contribuições e especificidades das narrativas de si, para os estudos com as juventudes no campo da Educação, a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa (auto)biográfica. Sem a pretensão de abarcar todas as dimensões das múltiplas vertentes de estudos com as narrativas, neste texto focaliza-se como a narrativa de si é concebida e utilizada nos estudos com jovens por dois autores que são referência para a Sociologia da Juventude no Brasil. São eles: Pais (2001), cientista social português, e Feixa (2018), antropólogo social espanhol; como aquelas desenvolvidas na perspectiva da pesquisa (auto)biográfica, conforme a pesquisadora francesa Delory-Momberger (2012; 2014; 2021; 2022), o pesquisador brasileiro Souza (2006; 2014) e a pesquisadora brasileira Passeggi (2020; 2021). Evidenciam-se, também, questões suscitadas na análise de uma entrevista de pesquisa biográfica, com uma jovem estudante de Pedagogia, sobre os desafios do primeiro ano. Para além das aproximações no uso das narrativas para o campo do estudo da juventude e da pesquisa (auto)biográfica, são evidenciadas as especificidades dos modos de conceber as narrativas de si nos estudos com os(as) jovens para esta última. Para a pesquisa (auto)biográfica, a produção das narrativas pelos(as) jovens não visa à obtenção de dados, mas configura-se como potencializadora de espaços de reflexividade, que podem produzir, tanto processos de formação de si, como conhecimentos para a pesquisa.

Palavras-chave: Pesquisa (auto)biográfica. Narrativas de si. Sociologia da Juventude. Juventudes.

ABSTRACT

NARRATIVES OF THE SELF IN (AUTO)BIOGRAPHICAL RESEARCH AMONG YOUNG PEOPLE

The objective of this study is to present the contributions and specificities of self-narratives for studies with young people in the field of

Education, based on the theoretical and methodological assumptions of (auto)biographical research. This text, without aiming to cover all the dimensions of narrative-based studies, focuses on how self-narrative is conceived and used in studies involving young people, as discussed by two leading authors in the field of Sociology of Youth in Brazil: Pais (2001), a Portuguese social scientist, and Feixa (2018), a Spanish social anthropologist. The investigation also includes research conducted from the perspective of (auto)biographical research, according to the French researcher Delory-Momberger (2012; 2014; 2021; 2022), the Brazilian researcher Souza (2006; 2014) and the Brazilian researcher Passeggi (2020; 2021). The text also highlights questions raised during the analysis of a biographical research interview with a young Pedagogy student concerning the challenges of the first year. Furthermore, it discusses the approaches of using narratives in youth studies and (auto)biographical research, particularly the specific ways self-narratives are conceived in studies involving young people. For the (auto)biographical research, the production of narratives by young people does not aim to collect data, but serves as an intensifier of reflective spaces, which can facilitate both self-development processes and the generation of knowledge for research.

Keywords: (Auto)biographical research. Self-narratives. Sociology of Youth. Youths.

RESUMEN **NARRATIVAS DEL YO EN LA INVESTIGACIÓN (AUTO) BIOGRÁFICA CON JÓVENES**

El objetivo es presentar los aportes y especificidades de las autonarrativas, para estudios con jóvenes en el campo de la Educación, a partir de los presupuestos teóricos y metodológicos de la investigación (auto)biográfica. Sin la intención de cubrir todas las dimensiones de los múltiples aspectos de los estudios con narrativas, este texto se centra en cómo la autonarrativa es concebida y utilizada en estudios con jóvenes por dos autores que son referentes para la Sociología de la Juventud en Brasil. Ellos son: Pais (2001), científico social português, y Feixa (2018), antropólogo social español; como las desarrolladas desde la perspectiva de la investigación (auto)biográfica, según la investigadora francesa Delory-Momberger (2012; 2014; 2021; 2022), el investigador brasileño Souza (2006; 2014) y la investigadora brasileña Passeggi (2020; 2021). También se destacan cuestiones planteadas en el análisis de una entrevista de investigación biográfica, a una joven estudiante de Pedagogía, sobre los desafíos

del primer año. Además de los enfoques en el uso de narrativas para el campo del estudio de la juventud y de la investigación (auto)biográfica, se destacan las especificidades de las formas de concebir las autonarrativas en los estudios con jóvenes para esta última. Para la investigación (auto)biográfica, la producción de narrativas por parte de jóvenes no apunta a la obtención de datos, sino que se configura como potencializador de espacios de reflexividad, que pueden producir tanto procesos de autoformación como conocimientos para la búsqueda.

Palabras clave: Investigación (auto)biográfica. Autonarrativas. Sociología de la Juventud. Jóvenes.

Introdução

Neste artigo, identificamos contribuições das narrativas de si para os estudos com as juventudes no campo da Educação, a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da pesquisa (auto)biográfica, em diálogo com os pressupostos da Sociologia da Juventude¹. Salienciamos a importância de demarcar neste diálogo as especificidades teóricas e metodológica da pesquisa (auto)biográfica em relação aos estudos com as narrativas juvenis.

Sem a pretensão de abarcar todas as dimensões das múltiplas vertentes de estudos² com as narrativas nesses dois campos de estudo, o texto focaliza a narrativa de si, como pesquisa e formação, em especial nos estudos com as juventudes, a partir das seguintes

questões: quais seriam as proximidades entre o uso das narrativas entre os estudos da Sociologia da Juventude e da pesquisa (auto)biográfica e quais seriam as especificidades das narrativas de si na pesquisa (auto)biográfica?

Para tratar das narrativas de si, recorreremos aos estudos de Delory-Momberger e Kondratyuk (2021), Delory-Momberger (2022), Souza (2014, 2006) e Passeggi (2020, 2021). Sobre o uso das narrativas de si com as juventudes, focalizamos a entrevista de Delory-Momberger e Melin (Reis; Alves, 2018), com ênfase nos pressupostos da entrevista de pesquisa biográfica em educação. Apresentamos, ainda, os enfoques biográficos a partir das entrevistas, enquanto relatos de vida, conforme dois autores-referência para os estudos da Sociologia da Juventude no Brasil: Machado Pais (2001), cientista social português e Carles Feixa (2018), antropólogo social espanhol.

Em seguida, são apresentados alguns aspectos da análise da entrevista de uma pesquisa biográfica com uma jovem estudante de Pedagogia, que focalizava os desafios de jovens estudantes na Pedagogia nos primeiros anos na universidade, com a intenção de evidenciar potencialidades desse tipo de entrevista para os estudos com as juventudes.

1 Este artigo, realizado no âmbito do grupo “GPEJU-V-UFAL” (Grupo de Pesquisa Juventudes, Culturas e Formação), traz resultados das pesquisas: “Pesquisa biográfica, juventudes e mobilização para aprender” (2019-2022), aprovada no Edital Universal (nº439558/2018-2) e como bolsa produtividade CNPq e de sua continuidade, com o estudo “Sentidos das experiências realizadas na vida universitária para a formação de si e para relação com a docência de jovens/estudantes, enquanto bolsa produtividade CNPq e que conta com apoio financeiro do Edital FAPEAL Nº 003/2022 – Auxílio à Pesquisa -Humanidades: Ciências Humanas; Ciências Sociais e Aplicadas e como projeto produtividade CNPq (2022-2025).

2 Dentre essas vertentes destaca-se, por exemplo, a “entrevista narrativa” Shütze (2011); Jovchelovitch e Bauer (2008).

Apontamentos sobre as narrativas como procedimento de pesquisa nos estudos com as juventudes

A Sociologia da Juventude, com a qual estabelecemos o diálogo, tem buscado desconstruir representações homogeneizantes da juventude como fase da vida, como desviante, como imatura, como um modelo cultural e propõe que a categoria juventude é socialmente construída.

Conforme Feixa (1999), tal categoria ganha relevo na modernidade com o processo de industrialização europeu. Nesse contexto, ela é compreendida como uma fase e momento preparatório para a vida adulta, denominado de moratória (Abramo, 2008; Margulis; Urresti, 1996); concebendo o(a) jovem como despreparado(a) e como um “vir a ser”.

Como explica Dayrell (2003, p. 41), a noção de moratória social produz a ideia da juventude como “[...] um tempo para o ensaio e o erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil”. Por outro lado, como salientam Margulis e Urestis (1996), tal moratória não é possível para os/as jovens pobres, que não dispõem de tempo e de dinheiro para viver a vida e se preparar sem preocupações.

Recorre-se ao termo “juventudes” “[...] no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem, existentes” (Dayrell, 2003, p. 42). Questionam-se princípios epistemológicos que direcionam pesquisas, processos de formação ou políticas que não valorizam a compreensão dos(as) jovens como plurais e de seus modos de expressão. Como explicam Margulis e Urestis (1996), tais princípios homogeneizantes não permitem analisar as possibilidades e impossibilidades de viver as juventudes, a partir de

sua condição juvenil, dos marcadores de classe, raça, gênero, entre outros. Pais (2003) enfatiza que é importante considerar como os(as) jovens atribuem significado “[...] ao que dizem e ao que fazem e dessa maneira conectar intenções manifestadas com os contextos de produção dessas intenções” (2003, p. 396). O autor defende a realização de pesquisas com os(as) jovens em seus cotidianos e, para tanto, privilegia os estudos com narrativas, que denomina de “relatos de vida”.

Vale destacar que tanto para os estudos com as narrativas na pesquisa (auto)biográfica, como para a Sociologia da Juventude, um marco importante é a contribuição das pesquisas realizadas pela Escola de Chicago. Conforme Delory-Momberger (2014a), os grandes marcos históricos: a Escola de Chicago, nos Estados Unidos (entre 1915 e 1935) e as correntes do interacionismo simbólico e da etnometodologia podem ser apontados como a origem do uso das narrativas e outros documentos pessoais, cartas, diários e fotografias, como recursos para pesquisa³.

A Escola de Chicago, uma corrente de pesquisa, nascida no departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade de Chicago, partia do pressuposto de que o saber produzido pelo sociólogo, a partir das pesquisas de campo, devia trazer soluções para problemas urbanos que estavam sendo vivenciados, como violência, delinquência, prostituição, especialmente por imigrantes e pessoas negras, consideradas segregadas da sociedade (Delory-Momberger, 2014a). De modo geral, “os estudos de campo tinham em comum buscar

3 Em sua obra, Delory-Momberger (2014a) menciona também importantes contribuições de Herbert Blumer, que se dedicou ao interacionismo simbólico, e salienta a importância de o pesquisador compreender a interpretação dada pelo ator, e Alfred Schütz, ligado à fenomenologia social e à etnometodologia, que demonstraram a capacidade da linguagem para a construção da compreensão da realidade social, pois deram ênfase nos estudos com os sujeitos sobre seus modos de interpretar o mundo social.

na própria palavra dos atores sociais, os materiais mais apropriados para a compreensão da realidade social” (Delory-Momberger, 2014a, p. 243)⁴. Esses estudos valorizavam materiais que podiam apresentar narrativas de vida, como cartas, escritos biográficos, para captar um passado recomposto, ao mesmo tempo, individual e social (Delory-Momberger, 2014a)⁵.

Delory-Momberger (2014a, p. 253) salienta, no entanto, que “[...] as narrativas de vida, apesar do valor emblemático que puderam representar para a Escola de Chicago, constituíram [...] apenas um documento anexo, associado a outros tipos de documentos pessoais”, usados para reforçar as teorias e análises pré-concebidas.

É importante ressaltar, que no campo da Sociologia, as pesquisas qualitativas desenvolvidas por pesquisadores da Escola de Chicago são também valorizadas, porém, existem críticas às pesquisas com jovens, conduzidas pelos pesquisadores dessa corrente, por reforçarem a ideia da juventude como desviante. Carles Feixa (1999), por exemplo, salienta que tais estudos são importantes por serem os primeiros a buscarem conhecer os grupos juvenis pela observação empírica, mas acrescenta que os autores da Escola de Chicago, por estarem situados “[...] na tradição reformista dos liberais dos Estados Unidos, estavam mais preocupados em encontrar soluções para a anomia reinante nos subúrbios, mediante medidas socializadoras e instrumentos mais eficazes de controle social” (Feixa, 1999, p. 52). Desse modo, conforme o autor, esse tipo de estudo contribui para legitimar uma concepção da juventude, em especial em relação aos jovens pobres e negros, como “problemas sociais”.

Identifica-se que, de modo geral, dos anos 30 aos anos 50 do século XX, há um declínio das pesquisas qualitativas e a deslegitimação

dos estudos com enfoque biográfico. Trata-se do período em que predomina as pesquisas quantitativas, com o uso de dados estatísticos e de questionários, no campo da pesquisa nas Ciências Sociais. Passeggi (2020) enfatiza a importância da “virada biográfica” nos anos 1980 nas Ciências Sociais, que passa a legitimar a narrativa como método e técnica de pesquisa. Inclusive a autora considera que o pesquisador italiano Franço Ferrarotti foi o responsável, desde os anos 1950, pelo ressurgimento da modalidade de narrativa pessoal e pela crítica sobre o uso tradicional das histórias de vida em Sociologia.

Christine Josso (2004, p. 20) afirma que “a reabilitação da perspectiva biográfica pode ser interpretada como um retorno do pêndulo depois da hegemonia do modelo de causalidade determinista das concepções funcionalistas, marxistas e estruturalistas do indivíduo, que dominaram até o final dos anos 70” do século XX.

É interessante observar que os autores contemporâneos, como Carles Feixa e Machado Pais, que realizam as pesquisas no campo das juventudes, com narrativas produzidas pelos(as) jovens, têm também como referência os estudos de Franco Ferrarotti.

O paradigma narrativo-autobiográfico no campo da Educação

Uma síntese do panorama sobre o paradigma biográfico na educação é delineada por Passeggi (2020), a partir de três vertentes. Uma delas, conforme a autora, é o movimento das histórias de vida em formação, uma abordagem que emerge nos anos 1980 na Europa (França, Bélgica, Suíça, Portugal) e na América do Norte (Canadá), tendo como foco a educação permanente de adultos e que se institucionaliza nos anos 1970 (Passeggi, 2020). Tal movimento

4 Todos os textos traduzidos neste artigo são traduções livre da autora.

5 Ver também: Souza: Meirelles (2018).

centra-se na pesquisa formação, considerando o processo de pesquisa como formativo. O ator social reflete sobre seu percurso de vida e pesquisa sua experiência. Algumas referências importantes desse movimento são: Pineau (2005); Dominicé (2000); Josso (2010); Passeggi (2016). O enfoque da história de vida em formação se distingue dos utilizados em outras ciências, seja para aquelas que focalizam “[...] a (re)construção de acontecimentos históricos (História Oral), seja para a compreensão de fenômenos, atitudes sociais ou culturais (Sociologia, Psicologia Social, Antropologia)” (Passeggi, 2020, p. 62).

De acordo com Passeggi (2020), outra abordagem epistemológica é a pesquisa biográfica em Educação ou “Recherche biographique en Éducation”, proposta por Delory-Momberger, na França, no início dos anos 2000. Ela explica que Christine Delory-Momberger realiza um trabalho para delimitar a pesquisa biográfica em Educação como uma “[...] vertente da pesquisa qualitativa, de uma pedagogia biográfica ou de um paradigma biográfico, na elaboração de um referencial teórico e conceitual para traduzir a capacidade antropológica pela qual o humano percebe e organiza sua vida em termos de uma razão narrativa” (Passeggi, 2020, p. 64). Sobre o desenvolvimento das pesquisas com enfoque biográfico no Brasil, Passeggi (2020) apresenta a vertente da pesquisa (auto) biográfica. Ela explica que a partir dos anos 1990, o livro de Antônio Nóvoa, *As histórias de vida em formação*, exerce uma grande influência para as pesquisas brasileiras, fomentando estudos, principalmente, no campo da formação de professores.

Podemos dar como exemplo desse processo o trabalho desenvolvido pelas coordenadoras do Grupo Docência, Memória e Gênero (GEDOMGE), da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (Feusp), criado em 1994, que se inspiram nos estudos de Gaston

Pineau, Pierre Dominicé, Marie-Christine Josso, desenvolvidos na Universidade de Genebra, com uma rede ampla com pesquisadores de outros países. Belmira Bueno, Cynthia Sousa, Helena Chamlian e Denice Catani (2006, p. 392) explicam que o grupo utilizava o método (auto)biográfico em uma “[...] dupla perspectiva: para operar como dispositivo de formação e, ao mesmo tempo, como instrumento de pesquisa”.

Passeggi (2020) ressalta que a vertente da pesquisa (auto)biográfica no Brasil se legitima “[...] por ocasião do primeiro Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (I CIPA, Porto Alegre), idealizado por Maria Helena Menna-Barreto Abrahão (Abrahão, 2004), que reuniu pesquisadores da Europa, Canadá, Ásia, Estados Unidos da América e Brasil em torno do biográfico e do autobiográfico” (Passeggi, 2020, p. 64). Ela acrescenta que o CIPA se constitui como um “[...] marco inaugural e fórum de debates do movimento biográfico no Brasil, que passou a contar com a liderança de Elizeu Clementino de Souza, desde 2006, quando realizou, em Salvador, o II CIPA” (Passeggi, 2020, p. 64).

A autora reconhece que, atualmente, há uma convergência teórica entre as três vertentes, com as suas nuances em relação aos suportes para a produção das narrativas, que, quando focadas nas entrevistas, se convencionou denominar de biográfica e pelas narrativas escritas, de (auto)biográfica (Passeggi, 2016). Nesse sentido, um dos conceitos primordiais dessa abordagem é o de pesquisa-formação, em que o traço de união entre os dois termos torna indissociável a formação da reflexão investigativa (Pineau, 2005; Dominicé, 2000; Josso, 2010; Passeggi, 2016).

Passeggi (2020) identifica avanços no paradigma do biográfico por considerar a especificidade epistemológica da narrativa de si como prática de formação, propiciando uma forma

diferenciada de produção do conhecimento em educação.

Em relação à pesquisa (auto)biográfica no estudo com as juventudes, destacamos a entrevista com Delory-Momberger e Valérie Melin (Reis; Alves, 2018) para o dossiê: “Educação e juventudes: contribuições da pesquisa biográfica na sociedade contemporânea”. Delory-Momberger explica que a pesquisa biográfica “é o meio para explorar as formas e os significados das construções biográficas individuais em suas inscrições sócio-históricas” e que também ela se inscreve “[...] no cruzamento de numerosos campos disciplinares das ciências humanas e sociais: antropologia, história, sociologia, psicologia, mas também nas ciências da educação, literatura, filosofia” (Reis; Alves, 2018, p. 1). Delory-Momberger compartilha com Ferrarotti o pressuposto de que o indivíduo realiza uma “reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia porque filtra, interpreta, interfere nele ao projetá-lo para outra dimensão, a da subjectividade” (Ferrarotti, 2014, p. 58), reinventando-se incessantemente enquanto sujeito.

Valérie Melin reitera que tal pesquisa possibilita a interrogação e questionamento crítico de “[...] determinada concepção de juventude como um coletivo homogêneo, inseparável dos panos de fundo ideológicos, contestáveis, que tendem ressignificar os jovens a partir de categorias que os amalgamam e assujeitam às determinações sociais nas quais estão inseridos” (Reis; Alves, 2018, p. 7). A pesquisa biográfica para Valérie Melin, “[...] objetiva uma dimensão hermenêutica, interpretativa das experiências, e, conseqüentemente, [permite apreender] o sentido que os indivíduos e, nesse contexto, os jovens, propõem, através do procedimento da narrativa de sua existência” (Reis; Alves, 2018, p. 7).

Vale destacar que a especificidade da pesquisa (auto)biográfica é a realização de estu-

dos a partir das narrativas de si, como trabalho reflexivo de produção de sentidos sobre o vivido. Essas narrativas podem ser produzidas em entrevistas individuais, em grupo, com produções escritas, imagens etc. Souza e Meireles (2018) salientam que ao narrar experiências pessoais e coletivas, os sujeitos elaboram conhecimentos sobre si e sobre seus mundos sociais, possibilitando, por meio de suas experiências, a construção de um conhecimento singular.

Delory-Momberger e Kondratiuk (2022), tendo como referência os pressupostos de Ricoeur, explicam que a produção da narrativa é composta pelas operações de seleção, organização e síntese. Conforme as autoras, aquele(a) que narra seleciona eventos, a partir da memória, que passam a ter significados no conjunto da história contada, pela sua ordenação temporal. Tal processo ocorre pela finalidade do que se cogita contar, pelo objetivo a ser alcançado, enquanto “tessitura da intriga”, o que permite produzir a composição hermenêutica da narrativa, sendo uma construção sintética do heterogêneo, na qual é construído o sentido do que se quer comunicar.

Portanto, Delory-Momberger e Kondratiuk (2022) salientam que a leitura e a interpretação da narrativa possibilitam o acesso a essa fabricação de formas e de sentido ou, em outras palavras, o estudo dos processos de biografização. Delory-Momberger (2016) explica que as operações de biografização são processos nos quais cada um recorre às linguagens culturais e sociais para realizar “[...] o conjunto das operações e dos comportamentos pelos quais os indivíduos trabalham para se dar uma forma própria na qual eles se reconhecem a si mesmos e se fazem reconhecer pelos outros. (Delory-Momberger, 2016, p. 139).

Na pesquisa (auto)biográfica, realizamos a reflexão sobre diferentes dimensões do vivido, pela mediação da linguagem. Nesse processo,

ocorre a passagem da experiência imediata pela experiência que realizamos pela produção da narrativa (Delory-Momberger, 2019), propiciando recursos experienciais. Esse processo é explicado por Alfred Schütz como “biografia da experiência”. Segundo Schütz (1979), o que vivemos pode, por exemplo, ser identificado como uma experiência que tivemos ou modificamos, ou mesmo uma experiência de tipo semelhante, o que nos permite alargar a nossa biografia da experiência. A experiência pode ser vivida como estranha, no caso de não remeter a nada semelhante em relação à experiência anterior, produzindo estranheza e um maior trabalho na tentativa de dar sentido ao que foi vivido (Schütz, 1979). Dessa forma, as experiências adquiridas são “recursos biográficos” que organizam e estruturam a percepção do mundo.

Os estudos com as narrativas de si produzem, portanto, conhecimentos sobre as questões de pesquisa, ao permitir uma melhor compreensão das articulações entre diferentes saberes, experiências, razões para se envolver em determinadas formas de aprendizagem, como também, conforme Delory-Momberger (2014b), é o lugar de produção de aprendizagens biográficas. Desse modo, a narrativa de si, a partir da pesquisa (auto)biográfica, não se configura como técnica para obtenção de dados, mas o lugar de aprendizagens para o(a) pesquisador(a) e para os(as) participantes do estudo.

Narrativas com jovens nos estudos de Carles Feixa e para Machado Pais: pesquisadores-referência para a Sociologia da Juventude no Brasil⁶

6 O estudo preliminar sobre as concepções de narrativa na pesquisa com jovens para Machado Pais e Carles Feixa, foi realizado no âmbito de uma pesquisa de iniciação científica, com plano de trabalho de Laura

A seguir, recorreremos, brevemente, aos estudos *La imaginación autobiográfica: las historias de vida como herramienta de investigación*, do espanhol Carles Feixa (2018b) e “Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro”, de Machado Pais (2001), autores que são referência para a Sociologia da Juventude no Brasil, para identificar como concebem a utilização das narrativas dos(as) jovens para a produção de conhecimentos sobre suas temáticas de pesquisa.

Relatos de vida (narrativas de si) para Carles Feixa

Carles Feixa Pampols é professor catedrático de Antropologia social da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, doutor em Antropologia Social pela Universidade de Barcelona e doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Manizales (Colômbia). É reconhecido internacionalmente como estudioso das culturas juvenis.

Em suas pesquisas, o autor utiliza como um dos procedimentos as entrevistas com os(as) jovens, tendo como referência a história oral, denominadas de relatos de vida. Em entrevista concedida para Oliveira et al. (2018a), o autor explica: “sempre priorizei uma técnica particular que são as histórias de vida, a qual sempre trabalhei e sigo trabalhando, a converti em meu ponto de vista principal, sem descartar outras metodologias e outras técnicas” (Oliveria et al., 2018a, p. 320). Feixa evidencia também sua concepção dos estudos com as juventudes e sua metodologia. Salienta que não basta falar com os(as) jovens, mas é preciso pesquisar também seu entorno social (pais, professores, polícia, a mídia etc.). “É necessário considerar o contexto no qual estão inseridos, porque, no

Santos de Oliveira e publicado nos anais da X Semana Internacional de Pedagogia (Ufal), com o título: “Relatos de vida nas pesquisas de Machado Pais e de Carles Feixa: contribuições para os estudos com as juventudes” (Oliveira; Reis, 2022).

fundo, a juventude não se estuda estudando somente a juventude, mas, sim, seu contexto midiático, político e social” (Oliveira et all. , 2018a, p. 321).

Identificamos alguns aspectos sobre como o autor utiliza os relatos de vida em suas pesquisas, a partir dos textos publicados no livro *La imaginación autobiográfica: las historias de vida como herramienta de investigación*, que contém textos produzidos pelo autor ao longo de seus 30 anos como pesquisador. Feixa conceitua a imaginação biográfica como “[...] a criatividade praticada por antropólogos, sociólogos, historiadores e literatos na busca de formas novas de comunicar as palavras de vida que oferecem informantes, pertencentes a grupos sociais diversos” (Feixa, 2018b, p. 14)

O livro contém textos que escreveu ao longo de 30 anos. Ele explica nesse livro que, em suas pesquisas, sempre trabalhou com o procedimento “histórias de vida”, sem descartar os outros. Uma importante referência para o autor é a história oral. Argumenta que as histórias de vida são construções elaboradas no percurso da pesquisa, como um processo de interação e diálogo entre pesquisador e participante do estudo. Ele também afirma que a entrevista não é uma técnica neutra (Feixa, 2018b, p. 73). Para o autor, ela envolve comunicação, reciprocidade e afetividade, sendo uma práxis interativa (Feixa, 2018b). Trata-se, portanto, de construir um espaço de confiança.

Em um capítulo, o autor trata de resultados de sua tese de doutorado, na qual pesquisa a juventude de uma centena de homens e mulheres que viveram na cidade de Lleida, desde a Guerra Civil Espanhola, de 1936 até 1989⁷. Comenta que após explicar o objetivo da entre-

vista, apresentar a declaração de compromisso de anonimato, fazia uma pergunta genérica, com intervenções escassas. Tinha intenção de realizar várias entrevistas com os mesmos participantes, mas não foi possível.

Franco Ferrarotti é entrevistado no último capítulo do livro e os pressupostos do autor são utilizados por Feixa, entre eles, a perspectiva de que com os relatos produzidos pelos(as) jovens é possível “ler uma sociedade por meio de uma biografia” (Ferrarotti, 2010, p. 45). Feixa também concorda com a premissa do autor de que o pesquisador tem que ser analista e ator implicado, participante e capaz de realizar uma distância crítica. Na entrevista concedida a Feixa, o autor italiano reitera que o relato biográfico é ato de interação, análise, temporalização e contextualização, com uso de fontes complementares.

Feixa afirma, ainda, que a transcrição das entrevistas é uma primeira tradução do pesquisador, sendo necessário respeitar o conteúdo e o tom da oralidade. Argumenta que, após a transcrição, realiza leituras e busca temas e episódios para a análise.

É possível identificar proximidades de seus pressupostos sobre a pesquisa com jovens e a pesquisa (auto)biográfica: a necessidade da construção do espaço de confiança, da interação e implicação do(a) pesquisador(a). Sobre a relação entre história de vida e juventude, Feixa explica que

[...] a juventude não tem história de vida ou biografia porque ainda estariam em construção, por outro lado, me dei conta de que era justamente o momento em que poderiam começar a narrar e a construir, a partir das perguntas que eu fazia como antropólogo e pesquisador, [...] Era uma possibilidade dar-lhes a opção de narrarem-se, a si mesmos, de buscarem o conteúdo de suas identidades. É uma técnica que sigo aplicando e pensando ser clássica em ciências sociais, no caso da juventude segue relevante, posto que permite dar a possibilidade não somente de capturar muita informação vivida,

7 No capítulo 2 Carles Feixa “relata sua experiência na pesquisa de doutorado, realizada com homens e mulheres que viveram sua juventude na cidade de Lleida desde a guerra civil Espanhola de 1936 a 1989. [...] Foram realizadas 86 entrevistas das quais participaram 110 informantes, o que resultou 175 fitas gravadas e 1205 páginas de transcrição (Oliveira: Reis, 2022, p. 8)

mas sobretudo de personalizar uma narrativa dos próprios jovens, dos próprios sujeitos (Oliveira et al, 2018a, p. 320).

Partilhamos com o autor a ideia de que realizar as entrevistas com os relatos de vida dos(as) jovens permite que participem de um processo reflexivo sobre si e em relação ao estudo do entorno no qual os(as) jovens estão inseridos.

No entanto, fazemos uma ressalva em relação à afirmação que os(as) jovens não têm história. Conforme a pesquisa (auto)biográfica, o relato não se refere à recuperação de uma história de vida e, por isso, para a pesquisa (auto)biográfica não há sentido questionar se o(a) jovem tem ou não uma história de vida anterior à entrevista. Se é certo que os(as) jovens representam sujeitos que têm uma vida pela frente e muita história para contar, o foco não é recuperar uma história do passado, de alguém no final do percurso. Pretende-se construir um espaço de reflexividade, com os(as) jovens, a partir de questões do presente, onde o(a) jovem pode narrar sobre suas vivências, podendo realizar um trabalho de articular, ressignificar e configurar as vivências e saberes apreendidos em diferentes espaços sociais.

A pesquisa (auto)biográfica se interessa por estudar a narrativa como um trabalho de reconfiguração do vivido pelo(a) participante da pesquisa, processo este denominado por Christine Delory-Momberger como biografização. Delory-Momberger (2014b) explica que a “biografização” é o trabalho de cada sujeito de dar forma ao vivido, a partir das interpretações e dos sentidos atribuídos às experiências. Tal processo permite ao participante construir uma narrativa-pesquisa com sentido para si e para ser comunicada ao outro, a partir da reconfiguração de fragmentos do vivido. Para a pesquisa (auto)biográfica, a narrativa não apresenta uma história do passado, mas é um trabalho de construção de sentidos no presen-

te, a partir da ressignificação dos fragmentos do vivido.

Relatos de vida para Machado Pais

O cientista social português José Machado Pais iniciou seus estudos com as juventudes nos anos 1980. Em suas pesquisas, o autor propõe como caminho metodológico o estudo do cotidiano dos(as) jovens, que, para ele, significa “cartografar o social, nas suas minudências cotidianas”, para compreender os enigmas do presente, que contemple a temporalidade, tendo em vista compreender sua historicidade. Afirma que o estudo com os jovens nessa perspectiva visa “explorar o cotidiano como um campo de produção imaginária, de criatividade” (Pais, 2017, p. 308). Para ele, a vida cotidiana é uma ferramenta metodológica. Não é apenas rotina, mas é também o palco de “resistência e de lutas sociais”.

O autor parte do pressuposto teórico-metodológico de que “no micro encontramos detalhes aparentemente insignificantes que em realidade são potentes para a compreensão do macro” (Pais, 2019, p. 413) e; por isso, defende cartografar o social. Acrescenta que tem “um certo encanto pelos enfoques biográficos” (Pais, 2019, p. 413), porque permitem articular estruturas sociais e trajetórias biográficas, sendo possível ler o social mediante uma história de vida (Ferrarotti, 2010).

Argumenta que para analisar os processos de transição das juventudes para a vida adulta não é possível “deixar de entrecruzar escolhas biográficas e estruturas sociais” (Pais; Lacerda; Oliveira, 2017, p. 305), pois estas últimas são a base nas quais se realizam as trajetórias de vida e as escolhas biográficas. Ele acrescenta que a condição social dos/as jovens, no que se refere ao seu pertencimento de classe, tem grande influência em suas escolhas biográficas.

Para uma aproximação de como Pais se apropria do enfoque biográfico, apresentamos a seguir alguns aspectos da utilização dos relatos com jovens no livro *Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro* (2001)⁸. Nesse livro, o autor realiza uma pesquisa qualitativa, que denomina de uma cartografia da precarização de trabalhadores jovens.

Segundo o autor, seu objeto de estudo nesse livro é a descoberta dos “mundos da vida”, concebida no sentido empregado por Alfred Schütz, de jovens que procuram modos vários de inserção no mundo do trabalho ou formas inventivas de ganhar dinheiro. São realizadas 14 entrevistas aprofundadas, denominadas de relatos de vida e analisadas como estudos de caso, com jovens portugueses com idades próximas aos 30 anos.

Conforme País (2001), tal estudo visa romper com uma perspectiva linear, homogênea e contínua de apropriação do enfoque biográfico. Considera os relatos como construções, a partir do trabalho analítico dos/as jovens em relação às suas lembranças.

Ele recorre a Alfred Schütz (1979) para explicar que o aqui e o agora não apenas configuram a experiência do presente, como configuram o modo como interpretamos experiências passadas, que são incorporadas no nosso acervo de conhecimentos. Alfred Schütz (1979, p. 74) salienta que no cotidiano os sujeitos têm “[...] a qualquer momento um estoque de conhecimento à mão que lhe serve como um código de interpretações de suas experiências passadas e presentes e, também, determina sua antecipação das coisas que virão”.

Nas análises dos relatos de vida, Pais

8 Este livro “é dividido em duas grandes partes: Encruzilhadas e Fazer pela vida. Na primeira, subdividida em cinco partes são apresentados os aspectos teóricos metodológicos da pesquisa, na segunda parte constam nove relatos de vida de jovens (casos) e, em seguida, a conclusão” (Oliveira; Reis, 2022, p. 5). Desse modo, na segunda parte do livro, a partir das quatorze entrevistas, Pais organiza o estudo de casos, divididos em nove capítulos.

(2001), tem como referência a ideia de motivo, evocada por Alfred Schütz (1979), que remete tanto ao objetivo da ação, quanto ao mundo subjetivo do sujeito que idealiza a ação.

O que está em jogo no uso do método biográfico, conforme o autor, é a recuperação de memórias narradas do ponto de vista de quem as evoca para estudar seus motivos. Afirma, também, que as memórias são seletivas, repletas de afetividade e, portanto, não são neutras.

Ao analisar a pesquisa realizada por Pais (2001), é possível identificar aproximações com a pesquisa (auto)biográfica. Ele recorre aos pressupostos de Ferrarotti sobre a possibilidade de estudar o social pelo relato de uma vida; compreende a produção da narrativa como um trabalho de recuperação das memórias; não concebe esse processo como linear, mas como um trabalho de análise que cada jovem realiza sobre suas lembranças.

Narrativas de si a partir das entrevistas de pesquisa biográfica

Tanto para as pesquisas de Carles Feixa e de Machado Pais, referências importantes para a Sociologia da Juventude no Brasil, como para os(as) pesquisadores(as) da pesquisa (auto)biográfica os estudos com as juventudes pressupõem processos de interação e de diálogo entre pesquisador(a) e pesquisado(a) e as narrativas produzidas permitem estudar o social, a partir das análises que os(as) jovens realizam de suas lembranças. No entanto, consideramos que para a pesquisa (auto)biográfica existem especificidades do estudo com as narrativas de si produzidas pelos(as) jovens. A seguir apresentamos algumas dimensões dessa especificidade e um breve exemplo de análise da narrativa produzida por uma jovem, estudante de Pedagogia, em um estudo que focaliza “os desafios e sentidos da vida universitária no primeiro ano do curso”.

Alguns aspectos da entrevista de pesquisa biográfica

Conforme Delory-Momberger (2012, p. 524), “o objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência”. Portanto, por meio das linguagens culturais e sociais, como pela atividade de narrar, o sujeito realiza um trabalho de dar forma, processo denominado de biografização por Delory-Momberger (2014b).

Na entrevista de pesquisa biográfica, essa atividade de narrar é desencadeada pelas questões do presente apresentadas pelo(a) pesquisador(a), viabilizando processos de biografização. A autora acrescenta que a entrevista de pesquisa biográfica não se limita a contar histórias, mas permite o envolvimento de quem dela participa, visando repensar e reconfigurar a experiência vivida. Além disso, ela proporciona também o processo de heterobiografização para o(a) pesquisador(a), no qual a escuta e interpretação das narrativas do outro geram aprendizagens (Delory-Momberger, 2014b; Passeggi, 2021; Reis, 2020).

Na pesquisa que realizamos sobre os desafios do primeiro ano para jovens estudantes do curso de Pedagogia, em uma universidade pública federal (2019-2022)⁹, organizamos o roteiro da entrevista em quatro eixos: como a universidade entrou na sua vida; desafios vivenciados no primeiro ano; táticas construídas no percurso; momentos significativos da formação.

Dez jovens – oito mulheres e dois homens –, jovens estudantes de Pedagogia, foram con-

vidados(as) a participar da entrevista para refletir sobre seu percurso de formação no primeiro ano da universidade, em especial para contar sobre os desafios vivenciados e sobre as táticas construídas para enfrentá-los. É possível identificar que pelas entrevistas de pesquisa biográfica, cada jovem produz um distanciamento reflexivo sobre como interpretam os caminhos percorridos, as dificuldades enfrentadas e os recursos experienciais mobilizados e esse processo de reflexão singular/social é parte da pesquisa.

As entrevistas são transcritas, transformando-se em textos reorganizados, sem as perguntas. Em um primeiro momento, cada entrevista é analisada em seu conjunto, conforme a interpretação das entrevistas de pesquisa biográfica, segundo Christine Delory-Momberger (2012, 2014b). Posteriormente, as questões recorrentes no conjunto das entrevistas são aprofundadas, tendo em vista esmiuçar os conhecimentos sobre as questões do estudo.

Para as interpretações de cada entrevista transcrita, utilizamos duas categorias propostas por Delory-Momberger (2012, 2014b): os “motivos recorrentes” e a “gestão biográfica dos motivos”. Após diversas leituras do conjunto de entrevistas de cada participante, além de identificarmos as temáticas e motivos recorrentes, analisamos, também, as táticas construídas, a partir da gestão biográfica dos motivos.

A categoria “motivos recorrentes ou *töpoi*”, segundo Delory-Momberger (2012, p. 534), tem origem do “grego *topos* ou lugar-comum” e se refere à tematização e à organização da ação do relato. Possibilita o reconhecimento das chaves de interpretação do vivido. Pelo trabalho de expressar estes lugares privilegiados, os(as) narradores(as) “[...] constituem um sentimento sobre si e sobre suas formas próprias” (Delory-Momberger, 2012, p. 534). Conforme a autora, “a identificação da gestão biográfica do

⁹ Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que se fundamenta numa análise sócio-histórico-antropológica da relação dos sujeitos com o mundo (Ferrarotti, 2010) e com a perspectiva da hermenêutica para as interpretações das entrevistas (Delory-Momberger, 2014b; Ricoeur, 1983)

tópoi ou dos motivos em função da realidade sócio-individual permite identificar a confrontação e negociação entre os motivos, os recursos pessoais e coletivos efetivos e os desafios sócio estruturais” (Delory-Momberger, 2012, p. 535). A gestão biográfica dos motivos apresenta as apreciações, negociações e as buscas para ajustar as ações em relação a determinadas situações. Em nosso estudo, tal processo evidencia as táticas produzidas para enfrentar os desafios vivenciados no primeiro ano no curso de Pedagogia.

A seguir, apresentamos sinteticamente alguns elementos das análises de uma entrevista de pesquisa biográfica, no sentido de identificar como a jovem estudante articula e interpreta singularmente a experiência partilhada de adentrar e permanecer no curso de Pedagogia, em uma universidade pública federal. Desse modo, o(a) participante ou o(a) colaboradora produz as narrativas de si, atribuindo significados às suas experiências para atender à demanda do(a) pesquisador(a). O processo reflexivo desencadeado pela narrativa propicia a emergência de outras dimensões do vivido.

Neste artigo, não há condições de colocar o conjunto da narrativa da jovem entrevista, com o detalhamento dos referenciais teóricos que servem para as análises¹⁰. Priorizamos a identificação da temática geral, dos motivos recorrentes e da gestão biográfica dos motivos.

¹⁰ Vale destacar que utilizamos para tais análises a teoria da relação com o saber, que é “a relação de um sujeito com o mundo, com ele mesmo e com os outros”, a partir dos sentidos atribuídos às atividades vivenciadas nos diferentes espaços sociais (Charlot, 2000, p. 78), que precisam dominar lógicas específicas de aprender nestes diferentes espaços, dentre eles na universidade; afiliação, “o processo pelo qual alguém adquire um estatuto social novo” (Coulon, 2017, p. 1247), que envolve momentos de estranhamento, aprendizagem e afiliação para se construir como estudante na vida universitária (Reis, 2022) e o sentido de pertencimento, que se refere à percepção do estudante de ser um membro aceito da universidade (Tinto, 2017), como também em relação às juventudes na universidade, a noção de condição juvenil em suas múltiplas dimensões, no sentido empregado por Dayrell (2007).

Exemplo de uma entrevista de pesquisa biográfica: “desafio de construir novos relacionamentos na universidade”

A seguir apresentamos, em linhas gerais, as temáticas que se sobressaem, os motivos recorrentes e a gestão biográfica dos motivos, identificados em algumas partes da entrevista de uma jovem estudante da Pedagogia, estudante do noturno, de uma universidade pública federal, no Nordeste brasileiro.

Trata-se da entrevista realizada em 2021, com Anne (nome fictício), de 21 anos, casada, com uma filha de seis meses, que morava em uma cidade do interior, havia iniciado o trabalho como professora contratada da Educação de Jovens e Adultos (EJA). cursou Magistério durante o Ensino Médio. Após transcrever a entrevista, organizá-la em forma de um texto e de várias leituras, prioriza-se, primeiramente, a análise da entrevista no seu conjunto.

Pode-se identificar que a temática que se sobressai, de modo geral, em sua narrativa, é relativa aos “desafios de construir novos relacionamentos na universidade e se comunicar melhor” e aquelas que perpassam a entrevista sendo transformadas em tópicos, entre elas: “desilusão em relação à universidade; dificuldade de participar das aulas e se relacionar com os(as) colegas; estranhamento em relação às vivências juvenis no campus; importância dos estudos”.

Anne inicia sua narrativa ressaltando que antes de entrar na universidade se considerava uma jovem que gostava de estudar. Quando adentrou e iniciou os estudos universitários, se deparou com um bloqueio em relação às interações com os(as) professores(as) e colegas. Em toda narrativa, ela tem em vista encontrar sentidos para essa situação e apresenta experiências, que considera ter contribuído para superar tais desafios. Ao interpretar a narra-

tiva, identificamos os motivos recorrentes e a gestão biográfica dos motivos e realizamos um diálogo com as referências teóricas, que permitem aprofundar as questões trazidas na narrativa, embora não possamos apresentá-las neste texto.

A seguir destacamos brevemente alguns momentos marcantes da entrevista. Identificamos pelas narrativas de Anne que, mesmo tendo uma boa relação com os estudos no ensino médio e o sonho de entrar na universidade, ela vivenciou um momento de desilusão em relação à quando ela entrou, que a fez desconstruir muitos sonhos que tinha sobre a ideia do era a universidade.

Não foi totalmente como eu imaginava, porque o ensino aqui no interior, acredito que em várias cidades não é tão, eu vou usar a palavra, digamos que 'pesado' quanto na universidade. É diferente. O ensino médio em relação ao ensino superior tem muita diferença e quando você sai do ensino médio e entra no ensino superior você se depara com artigos, textos, livros que tem que ler. No ensino médio, você não é muito cobrado por ler livro, apesar de ter eu feito o Magistério, mas não tinha muita cobrança não. Eu lia livros porque eu gostava. Eu sempre gostei muito de ler, mas eu também não lia livros com tanto embasamento teórico. Eu gostava mais de outros gêneros. E aí teve aquela carga toda de eu ter que enxergar que não era daquela forma, que eu tinha que me esforçar bastante para conseguir notas boas e conseguir a média também para eu conseguir, digamos assim, me desenrolar. Eu sempre fui aquele tipo de menina que participativa nas atividades da escola. Quando cheguei na universidade, eu não consegui. Eu fiquei muito retraída, eu fiquei presa, eu não conseguia.

As dificuldades sentidas em relação às exigências de estudo e de comunicação com professores(as) e colegas produzem um bloqueio. Anne considera que tal bloqueio foi o maior desafio vivenciado na vida universitária. Essa ideia de bloqueio é um motivo recorrente, pois

sempre é retomada em diferentes momentos da entrevista.

Ela argumenta, ainda, que esse sentimento de não conseguir se expressar e de necessidade de se esforçar para compreender os conteúdos era vivenciado também por outros(as) estudantes, sendo uma delas sua amiga, companheira de curso e que morava na mesma cidade.

A gente era só nós duas, para trabalho, para tudo, a gente não construía relacionamento com outros alunos. A gente se fechou bastante e aí eu parava assim para pensar. Eu digo: - 'Não sou essa pessoa que eu sempre fui, muito participativa'. Eu gosto de me comunicar, de fazer amizades e tudo. E na universidade estava muito presa eu tinha vergonha de falar. Até quando os professores perguntavam eu não conseguia falar. Até hoje eu ainda tenho um pouquinho disso. Eu não sei o porquê e não sei se foi por conta daquela pressão que eu sofri no ano passado que acabou prejudicando meu desempenho de comunicação na universidade, mas aí eu acredito que seja um dos meus principais desafios: de construir novos relacionamentos na universidade, de me comunicar melhor.

Anne identifica uma relação dos desafios de apropriação das lógicas específicas de aprender da cultura acadêmica e de sociabilidade com os(as) colegas. Em suas reflexões, ela articula suas dificuldades em relação aos estudos, com o distanciamento em relação aos(as) colegas do curso. Anne relata:

Quando eu entrei aqui, me deparei com as dificuldades. Em vez de conseguir sair delas, superá-las eu ficava com elas ali e aquilo me prejudicava muito. Depois veio a questão do ensino, que era um ensino completamente diferente. Não é 'pesada' a palavra, mas eu esqueci a palavra agora, mas é um ensino mais teórico mesmo. Neste primeiro período, nesses primeiros períodos do curso é aquela parte mais teórica. [...] Daí acho que foi um baque, aquele primeiro susto e depois que eu me apeguei muito também à minha colega, que já vinha do meu município, eu me identifiquei com ela e acabei esquecen-

do que eu tinha outras relações na universidade até para o meu próprio desempenho. Eu acredito que tenha sido um conjunto dessas coisas.

Reitera-se a questão do bloqueio que gera *dificuldade de participar das aulas e se relacionar com os(as) colegas*. Uma experiência que considera importante para superação dessas dificuldades se refere à apresentação de trabalho na disciplina que tratava dos princípios básicos da educação. O seminário foi no final do segundo período. Os grupos tinham que se apresentar no auditório e ela se preparou muito em casa para vencer seu bloqueio. Explica que estava muito apreensiva, mas conseguiu se apresentar. Ter enfrentado o desafio propiciou uma superação em relação a outras dificuldades.

Compreende-se que para Anne o processo de se preparar, conseguir se expressar no seminário trata-se, no sentido de Delory-Momberger (2012), de um exemplo de “gestão biográfica dos motivos”, enquanto momento de enfrentamento e de uma superação.

Anne conta que passou a indagar por que ocorria essa dificuldade para participar das aulas e o distanciamento em relação aos(as) colegas. Ressalta que *“o trabalho como professora de Educação de Jovens e Adultos”* contribui para enfrentar esses desafios. Explica que passou a refletir sobre tais dificuldades. Estava atuando como professora e não poderia continuar sem se expressar na sala de aula. Começou a participar de grupos. A atuação profissional é, portanto, outra gestão biográfica dos motivos.

Anne relata outra experiência marcante, mas considerada difícil em suas vivências na universidade. Trata-se das *“festas organizadas pelos(as) estudantes”*. Ela comenta:

Tem muitas festas e foi muito difícil me acostumar, porque eu achava tudo diferente, talvez por ser de interior, mais fechada. E aí quando eu cheguei lá, as pessoas tinham culturas bastante diferentes. Conheci pessoas que apresentaram

outras versões, outras visões de algumas coisas. Eram experiências marcantes com pessoas, com outras ideologias e eu pude conhecer e me relacionar melhor. Eu conheci bastante pessoas diferentes. Agora foi difícil para mim. As pessoas vêm para estudar e ficam na festa. Eu não sei como conseguem dar conta de curtir e de estudar ao mesmo tempo, porque eu não conseguiria não.

Interpretamos que o estranhamento de Anne em relação às vivências juvenis no *campus* se relaciona a distância entre seus valores, referências culturais, como uma estudante do interior e aqueles de outros(as) jovens estudantes do curso. Para além do processo de construção de cada jovem como estudante, a vida universitária é um espaço de experiências juvenis. Nele ocorrem aproximações; estranhamentos ou confrontos entre diferentes modos de viver as juventudes, que se relacionam com marcadores de classe social, de gênero, de raça, de referências culturais e religiosas que os/as jovens trazem dos outros espaços nos quais transitam.

Anne relata que tinha interesse, que gostaria de ter outras experiências de engajamento na universidade, relacionado à extensão, à pesquisa, a disciplinas eletivas, por exemplo. Porém, por precisar se deslocar todo dia de uma cidade para outra, não tinha condições de participar de atividades fora do horário das aulas, mesmo porque já passava muitas horas em deslocamento para estudar.

Nesse aspecto, tratamos das questões objetivas e subjetivas que envolviam sua construção como estudante: as condições financeiras, a necessidade de deslocamento de uma cidade para outra, o que ocasionava a ausência de tempo para vivenciar a vida universitária em todas as suas dimensões, enquanto ensino, pesquisa, extensão, engajamentos em grupos juvenis etc.

No final da entrevista, Anne explica a importância dos estudos em sua vida. A valoriza-

ção de si como pessoa passava pelo seu reconhecimento das outras pessoas como era boa estudante. Por isso, pode-se compreender o peso que foi para ela as dificuldades enfrentadas, tanto de compreender as exigências do estudo, como de se expressar com os(as) colegas no início do curso. De todos os motivos que perpassam o relato, a questão do medo de se expressar na sala de aula, de não dar conta de participar, as inseguranças em relação à sua capacidade intelectual e de ser aceita pela turma é a questão central.

Ao analisar o relato de Anne, fica evidente que sua condição como estudante do noturno, mãe, trabalhadora, de uma cidade do interior, dificulta o engajamento em diferentes dimensões da vida universitária, mesmo tendo o interesse de se envolver em atividades para além da sala de aula.

Em diferentes momentos da entrevista, emergem reflexões sobre o processo vivenciado. Realizamos, também, um segundo encontro, denominados de “restituição reflexiva partilhada” para uma reflexão aprofundada sobre a narrativa produzida na primeira entrevista, disponibilizada previamente por e-mail. Tais encontros são “momentos de aprofundamento das reflexões, de novas indagações e espaços de “realizar experiência” e “aprendizagens biográficas”, configurando-se como novas e importantes etapas da pesquisa” (Reis, 2021, p. 15). No diálogo, pode-se complementar, excluir ou trazer novas perspectivas sobre as questões tratadas na narrativa. Para o(a) pesquisador(a), é um momento importante para novas indagações, no sentido de aprofundar o conhecimento sobre o assunto tratado.

Nesse segundo momento, Anne explica que a entrevista propicia uma reflexão intensa sobre sua relação com a universidade e sobre os desafios enfrentados. Relata que passou a fazer relações entre aspectos sobre os quais não havia pensado. Não sugere acréscimos e

nem supressão do que foi relatado na primeira entrevista.

Após realizarmos uma aprofundada da primeira e segunda entrevista de cada participante, ocorre outra etapa das análises nas quais são identificadas as questões que perpassam o conjunto das entrevistas e elas são aprofundadas, à luz do referencial teórico da pesquisa. Neste artigo não temos a possibilidade de tratar dessa outra dimensão das análises.

Sobre a análise das narrativas produzidas por Anne, é importante ressaltar que, quando identificamos o tom da pesquisa ou a questão maior que permeia todo seu relato, estamos analisando a questão que mais afeta a jovem estudante em relação aos desafios com a universidade no momento da pesquisa. Sua narrativa permite identificar as articulações que faz em relação aos fragmentos do vivido, sua resignificação para encontrar sentidos às suas experiências. Tais interpretações são possíveis pela reserva de conhecimento disponível que tem à mão, como explica Schütz (1979), oriundos de diferentes espaços sociais, como também propiciados nas atividades vivenciadas na universidade.

Considerações finais

A questão do lugar da narrativa no estudo com as juventudes foi analisada a partir das contribuições de Carles Feixa, de Machado Pais, referências para a Sociologia da Juventude no Brasil, como também de Maria da Conceição Passeggi, Elizeu Clementino de Souza e Christine Delory-Momberger, entre outros, como referências da pesquisa (auto)biográfica. Nesse diálogo, podemos evidenciar aproximações e especificidades.

Identifica-se que os pressupostos teóricos e metodológicos da Escola de Chicago são um marco para as duas vertentes de pesquisa. Conforme Feixa, para a Sociologia da Juven-

tude, os estudos da Escola de Chicago até os anos 1920 marcaram a legitimação da pesquisa de campo e a valorização da perspectiva dos sujeitos da pesquisa, inclusive com os (as) jovens. Segundo o autor, os materiais pessoais, como cartas, escritas autobiográficas, diários etc. Também no âmbito da pesquisa (auto)biográfica, conforme Christine Delory-Momberger (2014a), considera-se importante a legitimação desses materiais, como um movimento precursor da utilização dos procedimentos de pesquisa com enfoque biográfico.

No entanto, tanto Feixa (1999), como Delory-Momberger (2014a) fazem críticas às pesquisas da Escola de Chicago. Feixa (1999) questiona o caráter liberal reformista dos pesquisadores, que buscavam soluções para os “distúrbios sociais”, sem considerar o contexto social que geravam esses distúrbios, que contribuiu para fortalecer a representação dos(as) jovens como problemas, especialmente aqueles(as) em condições sociais desfavoráveis e excluídos da sociedade, como negros, imigrantes etc. Delory-Momberger (2014a), por sua vez, critica a utilização de documentos biográficos como anexos, apenas para ratificar análises pré-concebidas.

Outra aproximação encontrada é a utilização do referencial teórico de Franco Ferrarotti, nos estudos de Feixa, como nos estudos de Pais e nos estudos dos(as) pesquisadores(as) da pesquisa (auto)biográfica.

A premissa de Ferrarotti (2010) de que é possível ler o social a partir de uma biografia é recorrente em ambas as vertentes. Sabe-se também que Ferrarotti era um crítico da perspectiva funcionalista das pesquisas em Ciências Sociais e que defendia o enfoque biográfico desde os anos 1950. Desse modo, pode-se afirmar que tanto Pais, como Feixa partilham os questionamentos a tais pesquisas e se aproximam da virada narrativa dos anos 1980, pelo movimento das Histórias de Vida. Não é

por coincidência que em seus estudos fazem referência ao uso das narrativas a partir das Histórias de Vida e que denominam suas entrevistas com os(as) jovens enquanto relatos de vida.

Considera-se que tanto Feixa e Pais, como os/as pesquisadores(as) vinculados(as) à pesquisa (auto)biográfica, estudam as juventudes valorizando momentos de diálogo para ter acesso aos seus modos de expressão e tendo como princípio a coparticipação na pesquisa. Desse modo, há uma preocupação com a construção de um espaço de confiança. Também identificamos que Feixa (1999) realiza as entrevistas com relatos de vida com vários encontros, como propõe Delory-Momberger, (2012; 2014b) em relação à entrevista de pesquisa biográfica e como propomos em nossas pesquisas com as juventudes (Reis, 2021; 2022).

Pode-se afirmar que as diferenças no estudo de Feixa e de Pais, no caso de estudiosos no campo da Sociologia da Juventude e para os(as) pesquisadoras da pesquisa (auto)biográfica é o modo de focalizar o alcance das narrativas produzidas. Para Feixa (1999) e Pais (2001), as narrativas denominadas como relatos de vida são técnicas de pesquisa de campo. Elas permitem estudar as juventudes nos espaços nos quais se movem, pesquisar seus modos de expressão reflexivamente, compreender suas inquietações. Tais produções são interpretadas e possibilitam a identificação dos dados para compreender as questões de pesquisa.

Para os estudos com jovens no âmbito da pesquisa (auto)biográfica, a produção das narrativas de si pelos(as) jovens por diferentes linguagens, sejam pela oralidade, a escrita, por imagens, individualmente ou em grupo, é um processo reflexivo, a partir de questões do presente, lançadas pelo(a) pesquisador(a).

O trabalho de narrar produz aprendizagens, possibilita para os(as) jovens um distanciamento reflexivo sobre as vivências. Portanto, a

narrativa de si, além de propiciar conhecimentos sobre as questões de pesquisa, permite também para o(a) participante, como para o(a) pesquisador(a) um processo de formação de si como parte da pesquisa. Compreende-se que pela entrevista de pesquisa biográfica cada participante pode realizar um retorno reflexivo sobre si, que é também um retorno reflexivo sobre os outros e o mundo, a partir das interpretações das experiências vivenciadas e aprendizagens apreendidas nos diferentes espaços sociais” (Reis, 2023). A entrevista configura-se, ao mesmo tempo, um momento reflexivo com potencialidade de formação de si e, também, um caminho profícuo para o(a) pesquisador(a) para interpretar e compreender suas questões de pesquisa.

Em se tratando do procedimento da entrevista de pesquisa biográfica, vale reiterar que o(a) participante pode refletir sobre suas vivências, de acordo com as perguntas desencadeadoras do diálogo, formuladas a partir de alguns eixos que são preparados. A partir do exemplo da narrativa de si de Anne, é possível explicitar a importância de analisar em um primeiro momento cada entrevista em seu conjunto.

Anne realiza um trabalho de construção de sua narrativa, com reconfiguração e ressignificação do vivido, a partir de suas questões do presente. Ela passa por um processo reflexivo, de biografização, instigado pelas questões da pesquisadora. No decorrer da entrevista, elenca as dimensões que interpreta como mais importantes sobre os desafios dos primeiros anos na universidade. Nesse processo, ela privilegia como temática maior “*o desafio de construir novos relacionamentos na universidade*” e, a partir dela, elenca como motivos recorrentes o medo de se expressar pela dificuldade de compreender os conteúdos; a limitação da interação como uma colega do interior, a estranheza em relação aos modos dos(as) jovens

se expressarem nas festas da universidade etc.

Anne busca, também, compreender as experiências que propiciam a superação destes motivos. Elenca, por exemplo, os estudos em casa, a superação na apresentação do seminário, o fortalecimento de si após começar a trabalhar como professora, que se configuram como a gestão biográfica dos motivos.

Esse processo permite identificar as interpretações e os sentidos das vivências de Anne, a partir de sua condição de classe social, de gênero, como mulher, mãe e estudante nos diferentes espaços sociais, tendo como questão os desafios em relação ao curso. É a interpretação do conjunto de cada narrativa que possibilita o estudo dos processos singulares sociais vivenciados pela Anne, como também possibilita a ela uma reflexão sobre questões não pensadas anteriormente, que podem gerar processos de formação de si.

Não é apenas Anne uma jovem, mulher, estudante de uma universidade pública federal, que vivencia as dificuldades. Outros(as) entrevistados(as) também partilham de desafios comuns, tanto em relação ao contexto social, como no que se refere às exigências da cultura acadêmica.

Consideramos, como Ferrarotti (2010), que é possível realizar a leitura do social a partir de uma biografia, pois essas questões perpassam também as experiências de outros(as) jovens, que compartilham o mesmo contexto social e acadêmico e participam da pesquisa. Portanto, em um segundo momento, são identificadas as questões que perpassam o conjunto das entrevistas e são analisadas à luz do referencial teórico que embasa a pesquisa.

Para concluir, nesta aproximação inicial, consideramos que existem contribuições relevantes do uso das narrativas de si nas pesquisas com as juventudes no diálogo entre os pressupostos da Sociologia da Juventude e da pesquisa (auto)biográfica. Compreendemos,

ainda, que a pesquisa (auto)biográfica, como pesquisa-formação¹¹, apresenta especificidades nos modos de conceber as “narrativas de si”, potencializando o diálogo e os modos de expressão juvenis. Ao privilegiar as narrativas de si como potencializadoras de espaços de reflexividade, reconhecidos como parte do estudo, a pesquisa (auto)biográfica propicia a produção de conhecimentos em relação às questões de pesquisa e, concomitantemente, importantes processos de formação de si para os/as participantes da pesquisa, que são fundamentais quando se trata de realizar pesquisas com as juventudes.

Referências

- ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H. W; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2008. p. 37-71.
- BUENO, B. O; SOUSA, C. P; CHAMLIAN, H. C; CATANI D. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28017>. Acesso em: 07 dez. 2023.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- COULON, A. O ofício de estudante: a entrada na vida universitária. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1239-1250, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/141109/136196>. Acesso em: 07 dez. 2023.
- DAYRELL, J. A escola faz juventudes?. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/RTJFy53z5LHTJjFSzq5rCPH/?format=pdf&lang=pt>.
- 11 Partilhamos com Josso a noção de pesquisa-formação como: “[...] interação centrada na gestão da intersubjetividade entre pesquisadores e atores/participantes, [...] que permite criar as condições necessárias à compreensão da formação [...] pela mediação de uma experiência formadora”. 2010, p. 145),
- Acesso em: 07 dez. 2023.
- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2023.
- DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-740, 2012. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2023.
- DELORY-MOMBERGER, C. **As histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação**. Natal: Ed. UFRN; Porto Alegre: Ed. PUCS; Salvador: Ed. UNEB, 2014a.
- DELORY-MOMBERGER, C. **De la recherche biographique en éducation: fondements, méthodes, pratiques**. Paris: Téraèdre, 2014b.
- DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 133-147, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526>. Acesso em: 07 dez. 2023.
- DELORY-MOMBERGER, C. (ed.). **Vocabulaire des Histoires de Vie et de la recherche biographique**. Toulouse: Érès, 2019.
- DELORY-MOMBERGER, C.; KONDRATIUK, C. A Narrativa como Experiência e como Saber. **Revista Internacional Educon**, São Cristóvão, v. 2, n. 3, p. 1-3, 2021. Disponível em: <https://grupoeducon.com/revista/index.php/revista/article/view/1738>. Acesso em: 07 dez. 2023.
- DELORY-MOMBERGER, C. Le pouvoir formatif et performatif du récit dans la recherche biographique en éducation: entretien avec Christine Delory-Momberger, réalisé par Valérie Melin. **Debates em Educação**, Maceió, v. 14, n. 35, p. 17-29, 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/14043>. Acesso em: 07 dez. 2023.
- DOMINICÉ, P. **L'histoire de vie comme processus de formation**. Paris: Harmattan, 2000.
- FEIXA, C. **De jóvenes, bandas y tribos: antropología**

de la juventud. Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 1999.

FEIXA, C. **La imaginación autobiográfica**: las historias de vida como herramienta de investigación. Barcelona: Gedisa, 2018b.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: Ed. UFRN; São Paulo, Paulus, 2010. p. 17-34.

FERRAROTTI, F. **História e histórias de vida**. O método biográfico nas ciências sociais. Natal: EDUFRN 2014.

JOSSO, M-C. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2010.

JOSSO, M-C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. Entrevista narrativa. In: GASKEL, George; BAUER, Martin (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 90-113.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. “La juventud es más que una palabra”. In: MARGULIS, M. (org.). **La juventud es Más Que una Palabra**. Buenos Aires: Biblos, 2008. p. 13-30.

NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: Ed. UFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, V. H. N. *et al.* Culturas juvenis e temas sensíveis ao contemporâneo: uma entrevista com Carles Feixa Pampols. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 70, p. 311-325, 2018. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/er/v34n70/0104-4060-er-34-70-311.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2023.

OLIVEIRA, L. S de; REIS, R. Relatos de vida nas pesquisas de Machado Pais e de Carles

Feixa: contribuições para os estudos com as juventudes. **X Semana Internacional de Pedagogia**. Centro de Educação, Maceió, Alagoas, p. 1-12, 2022. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/ix-semana-internacional-de-pedagogia/trabalho/265008>. Acesso em: 01 dez. 2023.

PAIS, J.M. **Culturas juvenis**. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Análise Social, 2.ed. Lisboa, 2003.

PAIS, J. M. **Ganchos, Tachos e Biscates**: jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2001.

PAIS, J. M.; LACERDA, M. P. C. de; OLIVEIRA, V. H. N. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação – uma entrevista com José Machado Pais. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 64, p. 301-313, 2017. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/er/n64/0104-4060-er-64-00301.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2023.

PAIS, J. M. **Travesías e intersecciones metodológicas**: jóvenes y vida cotidiana. Entrevistado: M. Germán. [S. n.], Manizales, v. 17, n. 1, p. 405-418, 2019. Disponível em: https://revistaumanizales.cinde.org.co/Archivos/Cuarta_seccion/Travesias_e_intersecciones_Jose_Machado_Pais.pdf. Acesso em: 06 dez. 2023.

PINEAU, G. Emergência de um paradigma antropomorfador de pesquisa-ação-formação transdisciplinar. **Saúde e Sociedade** (volumen.14, n.13), set., dez., 2005, p.102-110. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4062/406263734006.pdf>. Acesso em: 04 dez. 2023.

PASSEGGI, M. C. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, 2016. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/roteiro/v41n1/2177-6059-roteiro-41-1-00067.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2023.

PASSEGGI, M. C. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, p. 1-21, 2021. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/apraxis/v17n44/2178-2679-apraxis-17-44-93.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2023.

PASSEGGI, M. C. Reflexividad narrativa: ‘vida, experiencia vivida y ciencia’. **Márgenes**, Belo Horizonte, v. 1, p. 91-109, 2020.

REIS, R.; ALVES, C. A. Pesquisa biográfica em educação e juventude: entrevista com Christine Delory-Momberger e Valérie Melin. Dossiê: “Educação e juventudes: contribuições da pesquisa biográfica na sociedade contemporânea”. **Debates em Educação**, Maceió, v. 10, n. 20, p. 1-19, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i44.8018>. Acesso em: 02 dez. 2023.

- REIS, R. Diálogos entre Questões de Pesquisa que Orientam a Teoria da Relação com o Saber de Bernard Charlot e a Pesquisa Biográfica em Educação de Christine Delory-Momberger. **Revista Internacional Educon**, São Cristóvão, v. 2, n. 3, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://grupoeduc.com/revista/index.php/revista/article/view/1733>. Acesso em: 03 dez. 2023.
- REIS, R. Estudos com jovens estudantes e pesquisa biográfica. In: PASSEGGI, M. C. et al. **Infâncias, juventudes, universos (auto)biográficos e narrativas**. Curitiba: CRV, 2020. p. 81-94
- REIS, R. Juventudes, vida universitária e relação com o saber: contribuições das narrativas de si. **Debates em Educação**, Maceió, v. 14, n. 35, p. 30-57, 2022. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/13774>. Acesso em: 05 dez. 2023.
- REIS, R. Pesquisa Biográfica e heterobiografização: fonte de aprendizagens para o/a pesquisador/a. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 33, n. 2, p. 295-309, 2020. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/19748>. Acesso em: 06 dez. 2024.
- REIS, R. Automedialidade e ressonância para a formação de si de jovens na universidade: ateliê com blogs reflexivos. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [S. l.], v. 8, n. 23, p. 1-19, 2023. Disponível em: <https://itacarezinho.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/17260>. Acesso em: 07 dez. 2023.
- RICOEUR, P. **Tempo e narrativa 1: a intriga e a narrativa histórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- SCHÜTZ, A. **Fenomenologia e Relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. (Organização e introdução de Helmut R. Wagner).
- SCHÜTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 210-222.
- SOUZA, E. C. Campos y territorios de la indagación (auto)biográfica en Brasil: redes de investigación y educación rural. **Revista Mexicana de Investigación Educativa**, Ciudad de México, v. 62, p. 787-808, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14031461007>. Acesso em: 07 dez. 2023.
- SOUZA, E. C. de. **O conhecimento de si: estágio e narrativa de formação e professores**. Rio de Janeiro: DP&S; Salvador: Ed. UNEB, 2006.
- SOUZA, E. C.; MEIRELES, M. M. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 39, p. 282-303, 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018>. Acesso em: 03 dez. 2023.
- TINTO, V. Through the Eyes of Students. **Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice**, Amityville, p. 1-16, 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1521025115621917>. Acesso em: 08 dez. 2023.

Recebido em: 15/12/2023
 Revisado em: 30/04/2024
 Aprovado em: 27/05/2024
 Publicado em: 22/05/2024

Rosemeire Reis da Silva é Bolsista Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CNPq). Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), com estágio de doutorado na França pela Universidade Sorbonne Paris Nord – (CAPES-COFECUB). Professora da Universidade Federal de Alagoas. Coordena o grupo de pesquisa “Juventudes Culturas e Formação” (GPEJUV-UFAL). Integra a Rede Internacional de Relação com o Saber (RIRSA); o Grupo de Interesse Científico (GIS) – Le Sujet dans la Cité e o Laboratoire EXPERICE – Campus Condorcet - Université Sorbonne Paris Nord. E-mail: reisroseufal@gmail.com